

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Agro-bioenergia.

Período de Análise: 01/11/2016 a 30/11/2016

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Site Eletrônico da ABAG
Carta Capital

Estagiária: Ananda da Silveira

Índice:

Incentivo ao etanol. Valor Econômico, 08/11/2016.	3
Biosev voltou ao azul, e dívidas diminuiram. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 10/11/2016.	3
Preços do etanol aos motoristas sobem em 17 Estados em uma semana. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 14/11/2016.....	4
Brasil tenta dar destaque aos biocombustíveis na agenda global. Daniela Chiaretti. Valor Econômico, 16/11/2016.....	5
Nova "cana energia" começa a ser usada em escala industrial. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.....	6
GranBio quer acelerar desenvolvimento de variedades. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.	8
Moagem de cana recua 17,9% na 2ª quinzena de outubro, diz Única. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.....	9
Brasil estimula mercado de biocombustíveis. Lucas Tolentino. Site do MMA, 16/11/2016.	11
O Brasil vai atender o compromisso de aumento da produção de etanol da COP-21? Site da ABAG, 18/11/2016.....	12
Raízen avança no etanol de 2ª geração. José Roberto. O Estado de São Paulo, 19/11/2016.	13
Preços do etanol sobem nos postos da maior parte do país, diz ANP. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 21/11/2016.....	15
Energia de biomassa tem capacidade para abastecer quase um terço do consumo total de eletricidade. O Estado de São Paulo, 23/11/2016.....	17

Incentivo ao etanol. Valor Econômico, 08/11/2016.

O presidente da Raízen, Luis Henrique Guimarães, afirmou ontem que o Brasil pode sofrer uma "crise de abastecimento de combustíveis" se a economia voltar a crescer e o governo não adotar algum incentivo à produção doméstica de etanol. Durante o Seminário Internacional do Açúcar 2016, em São Paulo, o executivo disse que o atual governo "tem uma interlocução boa" com o segmento, mas ressaltou que "tem que ver os frutos acontecerem". Guimarães reforçou que os próximos dois meses serão cruciais, já que o governo terá que decidir se será prorrogada a presumibilidade dos créditos de PIS/Cofins para as usinas, prevista para terminar no fim deste ano. Para o executivo, a importação de gasolina será uma realidade crescente no país.

Biosev voltou ao azul, e dívidas diminuíram. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 10/11/2016.

A sucroalcooleira Biosev, controlada da Louis Dreyfus Company e dona de 11 usinas no Brasil, saiu do prejuízo e obteve lucro líquido de R\$ 24 milhões no segundo trimestre da safra 2016/17, encerrado em setembro. A valorização do açúcar e do etanol vendidos no período e o fortalecimento do real em relação ao dólar, que reduziu as despesas cambiais, colaboraram para a melhora do resultado.

Com um "mix" de cana mais voltado ao açúcar, a Biosev elevou suas vendas do produto, o que colaborou para um crescimento de 28,1% de sua receita líquida, que alcançou R\$ 2,229 bilhões no segundo trimestre da safra. Apenas a receita com as vendas de açúcar subiram 64,4%, para R\$ 1,073 bilhão, impulsionada tanto pelo aumento do volume negociado como pela alta das cotações do açúcar vendido. Desde o início da safra, 43,2% do caldo da cana da Biosev foi direcionado para a produção de açúcar, 4,3 pontos percentuais acima do mix observado no mesmo período da temporada 2015/16.

Já a receita com as vendas de etanol cresceu menos que a do açúcar - 6,3%, já que a redução do volume de biocombustível negociado, em função do mix menos alcooleiro, amenizou o impulso da elevação dos preços.

Essa melhora dos resultados operacionais fez com que o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) ajustado (excluídos os efeitos de revenda e o impacto não caixa da contabilidade de hedge) crescesse 42,6%, para R\$ 523 milhões no trimestre, enquanto a margem Ebitda ficou em 35% no período, apenas 0,1 ponto percentual abaixo do mesmo período do ciclo anterior.

No lado financeiro, a Biosev foi beneficiada pela variação cambial do período, que colaborou para um resultado líquido negativo de R\$ 235 milhões, 72,7% menor que a despesa financeira líquida do segundo trimestre da safra passada. No fim da temporada, o endividamento líquido ajustado da companhia somava R\$ 4,512 bilhões, uma redução de 12,7% sobre o registrado no fim do trimestre imediatamente anterior, já que o segundo trimestre da safra demanda menos capital de giro, além de ter ocorrido uma amortização líquida de R\$ 77,8 milhões. Como o resultado operacional melhorou, a alavancagem (relação entre Ebitda e dívida líquida) diminuiu de 3,7 vezes no primeiro trimestre da safra para 3 vezes.

A Biosev também informou que havia fixado, até 30 de setembro, último dia do segundo trimestre da safra atual (2016/17), os preços para a exportação de 862 mil toneladas de açúcar para a próxima temporada, ou 61% do volume previsto para o novo ciclo. O preço médio em real pelo qual esse volume será exportado ficou em R\$ 68,42 a libra-peso, resultado de uma fixação em dólares de 18,72 cents por libra-peso e de um hedge cambial médio de R\$ 3,655 para US\$ 239 milhões.

Preços do etanol aos motoristas sobem em 17 Estados em uma semana. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 14/11/2016.

Os preços do etanol hidratado, que abastece diretamente no tanque dos veículos, subiram para os motoristas pela segunda semana seguida na maior parte do país, embora tenham recuado às usinas.

Na semana entre os dias 6 e 12 de novembro, o etanol ficou mais caro nos postos em 17 Estados mais barato em apenas oito unidades federativas, permanecendo estável em

apenas uma, conforme levantamento da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural, Biocombustíveis (ANP).

O etanol já não é mais competitivo do que a gasolina em nenhum Estado desde a semana anterior, quando perdeu vantagem em Mato Grosso.

Em São Paulo, maior centro consumidor, o preço médio do etanol aos motoristas subiu 0,26% na semana passada, para R\$ 2,68 o litro, equivalendo a 76% do preço médio da gasolina. Segundo maior polo consumidor, Minas Gerais também registrou alta do biocombustível, que ficou em média em R\$ 2,867 o litro, alta de 1,31%.

Já para as usinas, o preço do etanol recuou pela segunda semana seguida. O indicador Cepea/Esalq para o etanol hidratado em São Paulo entre os dias 7 e 11 de novembro recuou 0,81% ante a semana anterior, para R\$ 1,8808 o litro.

Brasil tenta dar destaque aos biocombustíveis na agenda global. Daniela Chiaretti. Valor Econômico, 16/11/2016.

O governo brasileiro faz nova tentativa nesta quarta-feira de dar destaque aos biocombustíveis na agenda global. O Brasil lidera a iniciativa "Plataforma para o Biofuturo", que une 20 países nos esforços de promover os biocombustíveis como solução para reduzir as emissões globais do setor de transportes e da indústria.

A estratégia, que será lançada na conferência do clima de Marrakesh, a CoP-22, engloba também EUA, China, França, Itália, Índia e Reino Unido, além de Argentina, Dinamarca e Suécia, entre outros. "É uma iniciativa que o Brasil propôs e conduziu até agora", afirma Renato Domith Godinho, chefe da Divisão de Recursos Energéticos Novos e Renováveis do Itamaraty.

A coalizão formada para promover bioeconomia e biocombustíveis avançados partiu do diagnóstico de que a governança internacional é muito fragmentada e não há uma agência específica ou tratado que cuide da questão energética. "As políticas são nacionais e muito pouco vem sendo feito para o setor de transporte", observa Godinho.

Segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), 23% das emissões de gases-estufa se relacionam a energia. No entendimento do governo brasileiro, as soluções têm sido

focadas no setor de geração elétrica. Transportes está a descoberto. A tecnologia de carros elétricos, no entanto, está avançada.

Artur Yabe Milanez, gerente do Departamento de Biocombustíveis do BNDES, diz que as tecnologias de biocombustíveis de segunda geração avançaram nos últimos anos no mundo e, ao permitirem usar biomassa, reduzem o desperdício. Valem tanto para usinas de etanol no Brasil, que podem usar o bagaço da cana, como outros resíduos celulósicos. "Países que não têm disponibilidade de terra podem usar resíduos agrícolas dos cultivos que já têm".

Milanez acredita que o Brasil conseguiu contornar o temor internacional de que a produção de etanol seria um vetor de desmatamento da Amazônia. O Brasil usa 4 milhões de hectares na produção de etanol em comparação aos cerca de 200 milhões de hectares de pastos.

Há seis grandes usinas de produção de biocombustível de segunda geração no mundo - duas estão no Brasil. A produtividade do setor também cresceu. Antes, para cada hectare de cana plantado, produzia-se 3 mil litros de etanol. Hoje são 7 mil e, com o etanol celulósico, pode ser 10 mil litros.

O Brasil produz atualmente 30 bilhões de litros de etanol e exporta menos de 10%. Com a tecnologia de etanol celulósico, o governo estima que a produção pode saltar para 15 bilhões de litros de álcool.

Nova "cana energia" começa a ser usada em escala industrial. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.

Grandes grupos sucroalcooleiros pretendem dar, na próxima safra (2017/18), o pontapé inicial ao uso da "cana energia" em escala industrial em algumas de suas usinas tradicionais. A espécie, considerada por seus defensores uma tecnologia "disruptiva" para o segmento, foi desenvolvida, a princípio, para ser a matéria-prima por excelência para a produção de etanol celulósico e de energia elétrica a partir de biomassa.

Empresas como GranBio, Odebrecht Agroindustrial e Raízen Energia já vêm desenvolvendo canaviais com a nova cana nos últimos anos. Embora a espécie tenha um

rendimento menor que a convencional no processo de produção de etanol ou açúcar, apresenta a vantagem de oferecer uma produtividade agrícola muito superior, concentrando o dobro de biomassa por hectare ante uma plantação "normal".

A GranBio, controlada pela família Gradin, já realizou "testes em escala industrial" de processamento de cana energia nos idos da safra 2014/15 na Usina Seresta, localizada em Teotônio Vilela, em Alagoas. Mas é a partir do próximo ciclo que a produção ganhará ritmo. E na Usina Guaxuma, situada no município alagoano de Coruripe, que foi arrendada em setembro da massa falida do grupo João Lyra, "O objetivo é mostrar que dá para usar cana energia para ter biomassa e também para produzir etanol de primeira geração", disse Bernardo Gradin, presidente da GranBio, ao Valor. Ele estima que os investimentos para recuperar equipamentos que estavam se deteriorando na Guaxuma e iniciar a safra vão somar R\$ 15 milhões.

Se a produtividade da cana energia colhida nos primeiros mil hectares próprios que já tem em Alagoas ficar dentro da média, a GranBio terá 140 mil toneladas - ainda bem aquém da capacidade da Guaxuma, que chega a cerca de 1,8 milhão de toneladas por safra.

Para garantir sua viabilidade, a Guaxuma vai operar também com cana convencional nessa retomada. Mas a ideia é usar apenas a nova espécie quando houver oferta suficiente. Para isso, a GranBio plantará progressivamente, nos próximos três anos, sua cana energia na metade da área agrícola também arrendada da Guaxuma, que soma 6 mil hectares - a outra metade foi arrendada pela Usina Coruripe.

O início da adoção da cana energia em escala industrial está em grande medida associado à estratégia de crescimento de Vignis - empresa focada em melhoramento genético convencional de cana com sede em Campinas, no interior paulista -, que colherá, na próxima safra, cana energia para a Odebrecht Agroindustrial e para a Raízen Energia, com as quais mantém contratos de fornecimento de longo prazo.

Segundo Celso Ferreira, vice-presidente de operações e engenharia da Odebrecht Agroindustrial, disse ao Valor que a usina da empresa em Rio Claro, Goiás, já deverá processar, no ciclo 2017/18, 250 mil toneladas de cana energia.

E isso só será possível pelo acordo feito em 2014 com a Vignis, que desde então plantou 2 mil hectares da espécie para abastecer a companhia. "Fizemos testes em 2015, ainda na fase de crescimento do canavial. Tem que fazer alguns ajustes na moenda em função do

maior teor de fibra, mas nada excepcional. Com o parque industrial que temos, vamos continuar moendo perfeitamente", disse.

A meta é chegar à safra 2019/20 com um processamento de 600 mil toneladas de cana energia na usina de Rio Claro, volume que deverá ser complementado com cana convencional. Ferreira afirmou que outras usinas da Odebrecht Agroindustrial, como a Morro Vermelho, também poderão processar a nova espécie, mas a postura ainda é de cautela.

"A próxima safra é decisiva. Aí vamos ter condição de avaliar o processamento industrial, a produtividade agrícola, se faz sentido expandir a moagem de cana energia na Rio Claro e se vale a pena levar para outras usinas", disse.

A Raízen Energia, por sua vez, receberá na próxima safra 400 mil toneladas de cana energia da Vignis, a primeira colheita da espécie para ser processada em escala industrial em suas usinas. Até então, a moagem da cana energia realizada pela Raízen também foi em caráter de teste. Procurada, a empresa informou que prefere não fazer comentários sobre o projeto no momento.

No que depender da Vignis, a adoção da cana energia deverá aumentar de forma expressiva nas próximas safras. "Neste ano, colhemos 200 mil toneladas; no próximo, o volume deverá atingir 1,5 milhão de toneladas. Estamos em uma rampa de crescimento bem agressiva", disse o presidente da companhia, Luis Rubio. Ele disse estar negociando contratos de fornecimento com outros grupos. Entre os clientes que deverão levar mais uma safra para processar cana energia está a Zilor, para quem a Vignis vai começar a plantar a nova espécie no ano que vem.

GranBio quer acelerar desenvolvimento de variedades. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.

Gradin: meta é obter reconhecimento oficial de até quatro variedades por ano (Atualizada às 10h14) Com duas variedades de cana energia protegidas por registros no Ministério da Agricultura até o momento, a GranBio está focada agora na pesquisa em biologia molecular para acelerar o desenvolvimento de novas variedades. Conforme Bernardo

Gradin, presidente da companhia, o objetivo é obter o reconhecimento oficial de três a quatro novas variedades por ano nos próximos anos.

Para realizar as pesquisas, a companhia importou 400 genomas de cana convencional de um banco de germoplasma nos Estados Unidos. Sua subsidiária de pesquisa e desenvolvimento de biotecnologia, a BioCelere, sediada em Campinas, mapeou os genomas de cada variedade e está aplicando análise de "big data" (grandes volumes de dados) para otimizar os cruzamentos de genes.

Nos últimos cinco anos, a GranBio já investiu R\$ 25 milhões em pesquisas sobre cana energia, e a perspectiva para os próximos anos é manter esse ritmo de investimentos, a depender da demanda. "Nossa diferença é que, além da hibridação natural, temos um trabalho genômico. Estudamos os genes que fazem [a planta] crescer mais rápido ou como inserir características para aumentar a eficiência. Com isso vamos dar um grande salto de produtividade", afirma Gradin.

Por meio do cruzamento de espécies ancestrais que tiveram seu genoma mapeado, a companhia está desenvolvendo diferentes variedades adaptadas a clima e solo de cada região em que atua e também com maior capacidade para produzir mais açúcar ou mais palha, por exemplo.

Já há variedades que estão sendo testadas em dez regiões de atuação da GranBio no país, e para este ano a companhia espera obter o registro de mais três ou quatro variedades além das que já possui.

Segundo Gradin, a empresa poderia lançar uma variedade transgênica de cana energia já no próximo ano, mas, como ainda é necessária a fase de testes, não há previsão para o lançamento.

A meta é que, daqui cinco anos, as novas variedades de cana energia da GranBio estejam produzindo 3,5 vezes mais biomassa do que a cana convencional. Atualmente, as variedades registradas da companhia produzem cerca de 2 vezes mais biomassa.

Moagem de cana recua 17,9% na 2ª quinzena de outubro, diz Única. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 16/11/2016.

O encerramento da moagem de cana da safra 2016/17 no Centro-Sul por mais usinas do que na mesma época da temporada passada, além de uma redução da produtividade agrícola, fizeram com que a moagem de cana da segunda quinzena de outubro recuasse 17,9% em relação ao mesmo período do ano passado, somando 31,743 milhões de toneladas. Os dados foram divulgados pela União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica).

Até o fim da quinzena, 55 usinas já haviam encerrado suas atividades, enquanto no mesmo período da safra passada apenas 18 unidades haviam terminado o processamento da safra. Enquanto na safra passada a moagem de cana se estendeu até o início deste ano, o que ocorre na temporada atual é que muitas usinas anteciparam o início das atividades, o que adiantou o calendário de processamento para o ano.

Para a primeira quinzena de novembro, a Unica prevê que 40 usinas tenha encerrado a moagem desta safra.

Além disso, a Unica informou que um levantamento do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) identificou que a produtividade no campo ficou em média em 65,74 toneladas de cana por hectare, queda de 15,06% em relação ao mesmo mês do último ano e de 9,56% em relação ao setembro. Goiás foi o Estado com a maior quebra de produtividade, com redução de 21,08%.

Com menos matéria-prima, a produção de açúcar também recuou, apesar de mais uma vez as usinas terem buscado maximizar o mix para a produção do adoçante. Foram produzidas 2,049 milhões de toneladas de açúcar na última quinzena de outubro, uma queda de 6% na comparação anual. O mix foi 49,31% açucareiro, acima dos 47,71% do mesmo período da temporada passada.

Essa redução também refletiu a retração do rendimento da cana na indústria, já que a quantidade de açúcares totais recuperáveis (ATR) caiu 2,2%, para 137,4 quilos por tonelada.

A produção de etanol hidratado (que abastece diretamente no tanque dos veículos), por sua vez, cedeu 36,2%, para 678 milhões de litros, enquanto a de etanol anidro caiu 19,9%, para 625 milhões de litros.

Ainda de acordo com a Unica, as vendas de etanol hidratado pelas usinas para o mercado interno registraram decréscimo de 29% ao longo de outubro na comparação anual,

somando 1,218 bilhão de litros. Desde o início da safra, as vendas do hidratado totalizaram 9,239 bilhões de litros, queda de 16%.

Em contrapartida, as vendas de etanol anidro (misturado à gasolina) aumentaram em outubro na ordem de 7% na base anual, para 819 milhões de litros. No acumulado da safra, a quantidade vendida pelas usinas também supera a do mesmo período do ciclo anterior em 5%, para 5,9 bilhões de litros.

Brasil estimula mercado de biocombustíveis. Lucas Tolentino. Site do MMA, 16/11/2016.

Plataforma lançada pelo governo federal na COP 22 envolverá 20 países em ações com foco no corte de emissões no setor de transportes.

O governo federal inaugurou nesta quarta-feira (16/11) um mecanismo para promover o uso de biocombustíveis no Brasil e no mercado internacional. O lançamento da Plataforma para o Biofuturo ocorreu na 22ª Conferência das Partes (COP 22) sobre mudança do clima, em Marrakech, no Marrocos. A medida inclui um total de 20 países, entre os mais relevantes para o setor. O objetivo é promover o corte de emissões na área de transporte e, com isso, conter o aquecimento global.

A plataforma atrairá as atenções do mundo para iniciativas brasileiras como o desenvolvimento de biocombustíveis de segunda geração produzidos em território nacional. No lançamento, o ministro do Meio Ambiente, Sarney Filho, declarou que o projeto contribuirá para o cumprimento das metas brasileiras de corte de emissões. “A iniciativa abre espaço para uma bioeconomia totalmente nova e de baixo carbono, pois oferece alternativas ao material de origem fóssil”, explicou.

O lançamento da plataforma na COP 22 reforça o engajamento do Brasil com a questão climática e abre espaço para novas oportunidades. Na ocasião, o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, endossou a necessidade de medidas de baixo carbono na área de transportes. “É preciso que as sociedades de outros países abram suas fronteiras para os biocombustíveis no sentido de reduzir as emissões de gases de efeito estufa”, afirmou.

INVESTIDORES

O objetivo é atuar, também, como um instrumento para atrair investidores e formuladores de políticas públicas. O subsecretário-geral de Meio Ambiente do Ministério de Relações Exteriores (MRE), embaixador José Antonio Marcondes de Carvalho, afirmou que o sistema fomentará ações de produção, comercialização e pesquisa de biocombustíveis. “A plataforma multisetorial identificará uma das lacunas de ação nessa agenda”, explicou.

A coalizão formada com plataforma inclui o Brasil e o Marrocos, anfitriões do evento de lançamento, e outros 18 países: Argentina, Canadá, China, Dinamarca, Egito, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Holanda, Índia, Indonésia, Itália, Moçambique, Paraguai, Reino Unido, Suécia e Uruguai. Todos eles serão envolvidos em um modelo operacional flexível, com o objetivo de aumentar o diálogo político entre os países nas áreas de pesquisa e desenvolvimento.

O Brasil vai atender o compromisso de aumento da produção de etanol da COP-21? Site da ABAG, 18/11/2016.

Na Conferência do Clima (COP-21), realizada em Paris em dezembro de 2015, o Brasil assumiu um compromisso ousado: o país prevê até 2030 a participação de 18% de biocombustíveis na matriz energética, e um aumento de 10% para 23% no uso de energias renováveis (solar, eólica e biomassa) na matriz elétrica. Para cumprir, o País terá que produzir 50 bilhões de litros de etanol carburante em 2030 – atualmente, este volume é de 28 bilhões de litros. Para isso, a UNICA (União da Indústria da Cana-de-açúcar) avalia que será necessário construir aproximadamente 75 novas unidades produtoras de etanol, considerando uma moagem média, por usina, de 3,5 milhões de toneladas de cana-de-açúcar em condições normais de cultivo.

Mas será que o Brasil conseguirá cumprir o que assumiu em Paris? Para Luiz Carlos Corrêa Carvalho, presidente da Canaplan e da ABAG (Associação Brasileira do Agronegócio), o país poderá cumprir a COP-21 caso seja adotadas políticas públicas equilibradas. “O Brasil já provou que consegue aumentar a produção. Mas, pra isso, tem que ter política pública.”

Em contrapartida, se a produção brasileira do biocombustível não avançar, o Brasil poderá ter problemas de abastecimento nos próximos anos. “Não produziremos uma gota de gasolina a mais, estamos estagnados na produção de etanol e a demanda está crescendo. Vamos importar gasolina do mundo todo? Nossos portos não permitem isso. Se importar muito gasolina não posso exportar grãos. Por isso é importante ter política pública para combustíveis no país.”

RESTRICÇÕES

Já na opinião de Tarcilo Rodrigues, diretor da Bioagencia, se esta pergunta tiver que ser respondida hoje, a resposta é não, o Brasil não conseguirá cumprir a meta da COP-21. “Não vamos atingir sem uma política pública. Temos menos de três ciclos pela frente, faltam dois ciclos e meio. A safra 2017 já está plantada. De 2018 para 2030 são doze anos, dois ciclos.”

Além disso, ele lembra que a conjuntura atual é diferente do ciclo de crescimento do setor da década passada. “Temos restrições de áreas. Ao ir para o Centro-Oeste, a cana encontra com outras culturas. O capital está mais seletivo, a análise dos projetos é mais seletiva. Por isso, digo que o crescimento que vimos no passado não vai se repetir. Não é ser pessimista, mas ser realista.”

No entanto, ele acredita que, com o devido apoio, o setor consegue aumentar a produção degrau a degrau. Mais pé no chão. “No primeiro, por exemplo, podemos estabelecer a meta de atingir um acréscimo de dez milhões de litros em dez anos. Um milhão a mais por ano é mais factível. Com uma política bem desenhada, que dá tempo de fundir as lavouras, avaliar solos. E a partir daí vamos para o segundo step.”

Raízen avança no etanol de 2ª geração. José Roberto. O Estado de São Paulo, 19/11/2016.

Combustível feito com palha e bagaço de cana deve ter custos de produção menores

A Raízen, joint venture entre Shell e Cosan, completa neste ano sua primeira safra com produção contínua de etanol de segunda geração (2G) na Usina Costa Pinto, em Piracicaba (SP). Muito à frente da tradicional tecnologia adotada no etanol produzido com

caldo (1G), o 2G é feito com resíduos da colheita e do processamento de cana-de-açúcar, como palha e bagaço.

Trata-se de um aproveitamento adicional em relação ao que se faz hoje, já que a palha costuma ficar na lavoura, cobrindo o solo, e o bagaço vira combustível na cogeração de energia. O objetivo da Raízen é atingir uma produção de 42 milhões de litros até 2018, apostando em custos de produção do 2G menores do que os do 1G até o fim da década.

Segundo estudo divulgado no ano passado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em parceria com o Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE), a redução de custos deve ocorrer mesmo em 2020, quando produzir o 2G custará entre R\$ 0,70 e R\$ 0,50 por litro, enquanto o 1G, R\$ 0,90 a R\$ 0,70. Basicamente, isso se dará pelo próprio desenvolvimento tecnológico e biotecnológico do setor.

Obstáculos. Inaugurada em julho de 2015, a Usina Costa Pinto mantém a produção de etanol 2G ainda com algumas dificuldades mecânicas, grande parte delas relacionada à natureza da matéria-prima processada. Mas nada que faça a companhia repensar seus planos originais. “Queremos chegar aos 42 milhões de litros até 2018”, disse o diretor executivo de Tecnologias e Projetos da empresa, Antonio Alberto Stuchi, ao Broadcast Agro, serviço de notícias do agronegócio em tempo real do Grupo Estado. Na atual temporada, a Costa Pinto deve processar 16% dessa capacidade instalada, ou 6,7 milhões de toneladas.

Além do 2G, a Raízen fabrica na Costa Pinto o 1G. Considerando-se os dois derivados, a indústria tem capacidade para mais de 100 milhões de litros por safra. A construção da unidade de 2G e a instalação dos equipamentos necessários demandaram investimentos de quase R\$ 250 milhões, dos quais cerca de R\$ 200 milhões provenientes de financiamento do BNDES.

A empresa tinha por objetivo produzir em torno de 10 milhões de litros de etanol 2G ainda no ano passado, quando a usina trabalhou em fase de “análise”, conforme definiram os responsáveis à época. Entretanto, o desempenho ficou bem abaixo da expectativa inicial, com apenas 1,4 milhão de litros. “Tivemos vários problemas na indústria”, explicou Stuchi, destacando dificuldades com a filtragem da lignina, presente nos colmos e palha, para a produção de álcool.

Regime contínuo. Para a atual safra, foram feitos alguns ajustes e a produção já está em 5,5 milhões de litros, podendo chegar a 6,7 milhões até meados de dezembro, quando a Raízen tende a encerrar os trabalhos de colheita de cana. “Hoje trabalhamos em regime contínuo, mas bem abaixo de nossa capacidade. Os problemas são mecânicos, de filtragem, não de processo. Eles foram identificados e já os estamos atacando”, garantiu Stuchi.

O diretor destacou que é possível dar outro salto na produção no ano que vem, a exemplo do avanço de 380% observado entre 2015 e 2016, graças ao ganho de eficiência. Conforme o executivo, nos dois últimos meses a Usina Costa Pinto tem fabricado 211 litros de etanol 2G por tonelada de biomassa seca (palha e bagaço). Ainda está abaixo do “target” de 289 litros por tonelada, mas tal meta só não foi alcançada em razão dos problemas já citados.

Atingir esse volume seria um passo importante para que a Raízen torne viável seu projeto de levantar um total de oito usinas de etanol 2G, com capacidade de produção de 2 bilhões de litros por ano. O plano por ora está em “hibernação” até que a Costa Pinto alcance a excelência. De acordo com Stuchi, o momento é de aprendizado, mas as próximas unidades deverão demandar investimentos maiores, com ganho de escala em equipamentos.

Preços do etanol sobem nos postos da maior parte do país, diz ANP. Camila Souza Ramos. Valor Econômico, 21/11/2016.

Os preços do etanol hidratado (que abastece diretamente no tanque dos veículos) aos motoristas subiram na maior parte do país na semana passada, enquanto os preços da gasolina recuaram na maior parte dos Estados no período, conforme levantamento semanal da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A redução do preço da gasolina nos postos da maior parte do país ocorre 13 dias após a Petrobras anunciar a segunda redução do preço do produto em suas refinarias.

E não foi em todos os Estados que a gasolina ficou mais barata. Em São Paulo, principal Estado consumidor, o preço do etanol hidratado nos postos caiu 0,39% ante a semana

anterior, para R\$ 3,099 o litro, enquanto o valor médio da gasolina subiu ligeiramente (0,19%), para R\$ 3,6693 o litro.

Conselheiro do Sindicato Nacional das empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), Thomas Coutinho disse à imprensa hoje, durante o Fórum Nacional de Direito do Consumidor do Mercado de Combustíveis, ocorrido em São Paulo, que “o preço não é acompanhado pelo Sindicom” e que “o papel do sindicato é estabelecer a concorrência leal” no mercado de combustíveis.

Segundo Martinho Ono, presidente da SCA Trading, que comercializa etanol, a queda dos preços da Petrobras demorou para chegar ao consumidor porque as distribuidoras incorporaram a diferença em suas margens.

Com o descolamento entre os preços do etanol e da gasolina na última semana, o biocombustível com mais desvantagem em relação ao combustível fóssil em todo o país, permanecendo acima de 70% do preço da gasolina. A avaliação dos analistas é que, abaixo dessa correlação, o biocombustível passa a ser mais competitivo por causa de seu rendimento nos tanques dos veículos.

Antonio de Pádua Rodrigues, diretor técnico da União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (Unica), que também esteve presente no Fórum Nacional de Direito do Consumidor do Mercado de Combustíveis, disse à imprensa que o preço do etanol anidro (misturado à gasolina) tem caído nas últimas três semanas, o que é um “fator de queda” dos preços do combustível fóssil. O indicador Cepea/Esalq para o etanol anidro ficou em R\$ 2,0567 o litro na semana passada (de 14 a 18), uma redução de 2,2% no acumulado em três semanas.

Energia de biomassa tem capacidade para abastecer quase um terço do consumo total de eletricidade. O Estado de São Paulo, 23/11/2016.

A energia de biomassa, gerada a partir de resíduos vegetais ou animais, tem espaço para suprir quase um terço do consumo de energia brasileira, de acordo com Zilmar José de Souza, gerente de bioeletricidade da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). “No caso da biomassa gerada pela cana, poderíamos ter exportado para a rede elétrica um excedente de 129 mil MWh (megawatt hora) com a biomassa existente já no ano passado, sem aumentar o plantio de canaviais e aproveitando ao máximo a biomassa. Isso representaria 28% do consumo de energia elétrica do Brasil do ano passado.”

É uma quantidade de energia suficiente para abastecer mais de 66 milhões de casas por ano, segundo Souza. Além da biomassa de cana, empresas estão aproveitando seus resíduos orgânicos para aumentar a eficiência energética e oferecer projetos de geração de energia limpa ao mercado.

A produção atual de excedente de energia de biomassa de cana está aquém do potencial da fonte. Em 2015, o montante foi de 20 mil MWh, ou 4,4% do consumo de eletricidade do Brasil. Apesar disso, o impacto ambiental foi significativo, atesta Souza. “Esse volume gerou uma economia de mais de oito milhões de toneladas de emissão de gases poluentes na atmosfera.”

Segundo a Empresa de Pesquisa Energética (EPE), há 370 usinas sucroenergéticas no Brasil e pouco mais da metade (175) exporta excedente de bioeletricidade para o sistema elétrico. “Todas as usinas produzem energia para autoconsumo. Mas há 195 usinas que podem passar por um processo de retrofit (reforma) e aproveitar ainda mais o bagaço e outros subprodutos, como a palha e o biogás da vinhaça, para alimentar a geração de bioeletricidade da rede.”

Dados da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) revelam que a biomassa é a terceira maior fonte de energia elétrica nacional. Com 14,6 mil MW da potência instalada

da matriz elétrica do Brasil, a participação da biomassa é pouco mais de 9% do total de 161 mil MW do sistema. Somente a biomassa de cana-de-açúcar contribui com 11 mil MW. As demais fontes são compostas por insumos florestais, principalmente a lenha de eucalipto, resíduos sólidos urbanos e restos vegetais.

A geração de biomassa é mais intensa durante a época de colheita da cana. Mas, apesar das características sazonais da produção, Souza afirma que há tecnologia disponível para gerar eletricidade o ano inteiro. “Existem turbinas de condensação que permitem operar até 365 dias ininterruptos e independente da safra. Para isso, é necessário estocar biomassa por períodos maiores e aumentar o uso da tecnologia em mais usinas.” Segundo Souza, quase 20% das turbinas instaladas no setor sucroenergético hoje já são de condensação.

De olho no aproveitamento de resíduos, a Raízen aumentou sua produção de etanol com base no reaproveitamento de resíduos. O etanol de segunda geração (ou etanol 2G) é um combustível igual ao produzido no modelo tradicional, porém feito a partir da celulose do subproduto.

O bagaço que antes era destinado para proteção do solo e cogeração de energia elétrica foi convertido em celulose, o que possibilitou um aumento de 40% da produção sem crescer a área plantada, de acordo com a companhia. O projeto deu à Raízen o Prêmio Eco de 2014, na modalidade Práticas de Sustentabilidade – Produtos ou Serviços.

No Rio Grande do Sul, a PepsiCo, dona da marca Quaker, queima casca da aveia para gerar o vapor que move a caldeira de produção. Ao usar a biomassa, a Quaker deixou de emitir cerca de 1 mil toneladas de gases poluentes originados da queima de gás natural. O projeto ganhou o Prêmio Eco 2013 na modalidade Práticas de Sustentabilidade.

Em Uberlândia, a startup Alsol Energia, do Grupo Algar, desenvolve um projeto combinado de geração de energia a partir do biogás produzido pelo dejetos de suínos e captação de energia fotovoltaica. “Aqui temos condições favoráveis para aproveitar os resíduos do rebanho suíno, um dos maiores do Brasil, e a alta incidência de luz solar”, detalha Gustavo Buiatti, diretor de operações e diretor técnico da Alsol Energia. O projeto foi inscrito no Prêmio Eco deste ano.

O projeto piloto está em andamento em uma propriedade rural de Patos de Minas, no interior de Minas Gerais. Durante o dia a energia é gerada por painéis fotovoltaicos, e um

biodigestor que processa os dejetos dos cinco mil suínos da fazenda garante o fornecimento de eletricidade no final da tarde. A economia mensal com energia chega a 160 mil reais, segundo Buiatti.

O potencial de negócios que a venda ou locação de geradores de energia pode gerar na região é de 180 milhões de reais, estima o executivo. “Se considerarmos que Uberlândia tem um rebanho de 1,5 milhão de suínos e os equipamentos podem ser usados em propriedades de até 5 mil animais, estamos falando de pelo menos 300 unidades geradoras a serem usadas nos próximos quinze anos.”

Em Tarabaí, interior de São Paulo, a Amidos do Oeste Paulista (Amidoeste) encontrou no uso do biogás uma alternativa de redução de custos de produção. A matéria orgânica que sobrava da produção de amido de mandioca passou a ser aproveitada para gerar energia de biomassa.

“Usando biogás, deixamos de usar energia térmica e reduzimos os custos de energia de 10% para 5%”, afirma Sebastião Sílvio Panobianco, gerente industrial da Amidoeste. O aproveitamento do resíduo também diminuiu o impacto ambiental da produção, uma vez que os restos da produção não são mais descartados nos rios.

O uso de biomassa como fonte energética é uma tendência consolidada, afirma Souza. Mas para acelerar o seu desenvolvimento, o especialista defende a criação de políticas públicas favoráveis, como acesso ao crédito, benefícios fiscais e novos leilões de energia. “Mais do que tudo, precisamos de uma política setorial favorável que traga estabilidade e favoreça novos investimentos.”

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búriço, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Sílvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa
José Renato S. Porto

Secretária
Diva de Faria

op
pa **Observatório de Políticas**
Públicas para a Agricultura

cpda **Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais**
em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

